

SCHEEL-YBERT, R. *Stabilité de l'Écosystème sur le Litoral Sud-Est du Brésil à l'Holocène Supérieur (5500-1600 Ans BP) – Les Pêcheurs-Cueilleurs-Chasseurs et le Milieu Végétal: Apports de l'Anthracologie*. Université Montpellier II Sciences et Techniques du Languedoc, França, 1998, vol 1, 232 pp.; vol. 2, *Atlas Anthracologique des Sambaquis du Sud-Est de l'État de Rio de Janeiro*; CD-Rom incluso: *Banque de données anthracologique "Atlas Brasil"* – version 1.8 (1998); vol 3, Anexos.

Marisa Coutinho Afonso\*

No final de 1998, Rita Scheel-Ybert apresentou sua tese de doutorado na Université Montpellier II, França. Observando que o conhecimento que se tinha sobre as populações de pescadores-coletores-caçadores referia-se, principalmente, às relações com o meio animal, procurou identificar aquelas existentes com o meio vegetal, através da antracologia. Embora alguns pesquisadores já tenham apontado para a importância da coleta vegetal, como Tenório (1991), há ainda poucas pesquisas nesta linha.

A antracologia foi definida por Scheel, Gaspar e Ybert (1996:3) como “o estudo e interpretação dos restos de madeira carbonizados provenientes dos solos ou de sítios arqueológicos. Esta disciplina, baseada na identificação anatômica dos carvões, pode fornecer informações de cunho etnoarqueológico e paleoecológico”.

O trabalho de Rita Scheel-Ybert é pioneiro no Brasil e, na América do Sul, os estudos antracológicos começaram a ser realizados na década de 90, na Patagônia e na Guiana Francesa. No entanto, as ocorrências de carvão em solos, sedimentos eólicos, lacustres e paludiais têm sido registrados no Brasil e estudados por quaternaristas desde a década de 80 (Suguio, 1999: 275), interessados no estudo dos paleoclimas.

Os principais objetivos da tese foram: a reconstrução da evolução paleoambiental e paleoclimática do litoral do Estado do Rio de Janeiro ao longo dos seis últimos milênios; a

avaliação das interrelações entre ocupação humana e meio, pesquisando as influências antrópicas no ambiente e, inversamente, a influência eventual das variações ambientais e climáticas sobre as populações e a interpretação paleoetnológica referente à utilização de madeiras (“*ligneux*”) pelas populações pré-históricas.

Para se atingir estes objetivos, três questões foram colocadas pela autora: 1. a antracologia é uma ferramenta adequada aos objetivos fixados?; 2. em que medida o estudo antracológico é aplicável aos meios tropicais? e 3. os métodos desenvolvidos para a análise antracológica dos meios mediterrânicos são adaptáveis ao meio tropical?

O estudo antracológico foi realizado em sete sítios arqueológicos localizados no litoral do Estado do Rio de Janeiro, entre Cabo Frio e Saquarema: os sambaquis do Forte, Salinas Peroano, Boca da Barra e do Meio (Cabo Frio), da Ponta da Cabeça (Arraial do Cabo), da Beirada e da Pontinha (Saquarema). Para esta região de estudo, a pesquisadora sintetizou o conhecimento sobre clima, geomorfologia litorânea, vegetação e povoamento pré-histórico.

Os aspectos metodológicos foram amplamente desenvolvidos no Capítulo 2, onde abordou questões teóricas relacionadas à representatividade paleoecológica dos carvões de madeiras arqueológicas e à análise das amostras; as metodologias de campo e de laboratório e a validade da amostragem. Esta parte da tese é especialmente importante para os arqueólogos brasileiros, porque apresenta de forma clara como é feito o trabalho antracológico, seus alcances e limites.

Para cada um dos sete sítios pesquisados, há uma síntese do quadro arqueológico com

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo

base nas publicações dos arqueólogos responsáveis pelas escavações: Lina Kneip, Osvaldo Heredia e Maria Cristina Tenório. Estes sítios foram pesquisados nas décadas de 70 (Forte), 80 (Salinas Peroano, Boca da Barra, do Meio e da Beirada) e no final de 80/início de 90 (Ponta da Cabeça e Prainha); foram ocupados na segunda metade do Holoceno, entre 5500 e 1600 anos BP. Em cada um deles, foram reabertos perfis estratigráficos para a coleta das amostras antracológicas.

Um dos resultados mais interessantes obtidos por Rita Scheel-Ybert foi no sambaqui do Forte. Descoberto na década de 60 e pesquisado pela equipe de Lina Kneip (Museu Nacional/UFRJ) na década seguinte, este sítio representa um importante marco na arqueologia brasileira por ser um dos mais antigos da região sudeste e por ter sido objeto da primeira aplicação do método de decapagem horizontal de grandes superfícies por camadas naturais em sambaqui. Lina Kneip identificou a existência de dois sambaquis superpostos, separados por uma camada arenosa estéril, com espessuras variando de 0,50 a 1,70 m. Esta camada foi considerada como o resultado de um período de abandono do sítio, durante o qual houve deposição de areias por ação eólica.

No entanto, Rita Scheel-Ybert observou que a camada arenosa intercalada entre outras com muitas conchas é extremamente rica em fragmentos de carvão, produtos de debitage de quartzo e marcas de fogueiras e concluiu que não pode ser considerada estéril. Ou seja, diferentemente de Lina Kneip, considerou que o sítio foi ocupado de forma contínua.

Na síntese sobre as análises antracológicas nos sete sambaquis, Rita Scheel-Ybert observou que a região estudada foi ocupada no Holoceno Superior por floresta de restinga, floresta seca típica dos maciços rochosos de Cabo Frio e Floresta Atlântica, além do manguezal. Apesar de terem sido registradas oscilações climáticas na região, que afetaram a vegetação do mangue, não foram encontrados indícios de mudança notável no ecossistema vegetal.

Neste sentido, a tese de Rita Scheel-Ybert é importante para arqueólogos e outros profissionais quaternaristas porque demonstra que a correspondência entre mudanças climáticas e nas formações vegetais não é uma norma e pode ser identificada, ou não, como foi o caso estudado, pelas análises antracológicas.

A pesquisadora afirmou que é possível lançar a hipótese de que as formações litorâneas, onde o componente pedológico é determinante, são resistentes às mudanças climáticas. Ela considerou que a estabilidade do ambiente foi um fator decisivo para a manutenção do sistema sócio-cultural das populações sambaqueiras, que conservaram uma cultura por mais de 6.000 anos.

Acreditando que a antracologia é uma disciplina privilegiada para a reconstituição do paleoambiente associado aos sambaquis, e também para a dedução dos diversos aspectos paleoetnológicos das populações pré-históricas, a autora chegou a conclusões interessantes quanto aos carvões das fogueiras, à coleta de madeira para o fogo e aos produtos de origem vegetal na alimentação dos grupos sambaqueiros.

A coleta de madeira morta, aleatória, forneceu o essencial para o fogo; no entanto, a abundância de *Condalia sp.*, rara hoje na restinga, sugere uma seleção cultural. Esta escolha pode estar ligada às qualidades da madeira para fins utilitários ou rituais. Rita Scheel-Ybert demonstrou que a coleta de produtos vegetais pelos sambaqueiros era significativa, como os numerosos fragmentos de frutos de palmeiras (coquinhos) carbonizados, grãos e resíduos de tubérculos de monocotiledônias (gramíneas e/ou ciperáceas e inhames) encontrados atestam.

As pesquisas de Levy Figuti (Figuti, 1992) demonstraram a maior importância da pesca com relação à coleta de moluscos na alimentação das populações sambaqueiras; e Rita Scheel-Ybert comprovou a importância dos produtos vegetais. Estes dois autores oferecem um quadro bastante diferente do que se tinha até a década de 80 sobre a alimentação dos grupos sambaqueiros e atestam, com suas pesquisas nas áreas de zooarqueologia e antracologia, respectivamente, como o registro arqueológico pode ser enganoso em um primeiro momento de observação, devido à conservação diferencial dos vestígios. Ou seja, como as conchas são muito visíveis nos sambaquis, as populações eram consideradas basicamente como coletoras de moluscos. As pesquisas destes dois autores exemplificam a necessidade de uma especialização dentro da disciplina arqueológica e um cuidado maior com amostragem e análise, para a produção de novos conhecimentos.

Nas conclusões da tese, Rita Scheel-Ybert apresentou claramente os avanços da antracologia e como seus estudos puderam contribuir para interpretações de ordem paleoambiental, identificando o quadro fitogeográfico das populações pescadoras-coletoras-caçadoras e, também, para as relações entre as populações pré-históricas e seu meio ambiente, com a formulação de observações paleoetnológicas referentes à utilização da madeira e à alimentação dos sambaquieiros.

A autora retomou as questões formuladas no início da tese para afirmar que: 1. os sedimentos dos sambaquis contêm quase sempre uma grande quantidade de fragmentos de carvão provenientes de fogueiras domésticas e os espectros antracológicos representam essencialmente a vegetação local; 2. os estudos antracológicos são aplicáveis em meio tropical, principalmente com a constituição de coleções de referência de madeiras carbonizadas e bancos de dados informatizados; 3. a antracoanálise de material arqueológico das regiões tropicais fornece resultados confiáveis, mas adequações metodológicas deverão ser feitas para melhorar as interpretações paleoambientais.

A tese de doutorado de Rita Scheel-Ybert muito colabora para a arqueologia brasileira e para outras pesquisas quaternaristas por

vários motivos: introduziu a análise antracológica nos sambaquis brasileiros, mostrando que é possível ser realizada a coleta mesmo após o término das escavações, facilitou futuros trabalhos antracológicos pela confecção de uma coleção de referência e a criação de um banco de dados informatizado; demonstrou que uma mudança climática não é acompanhada necessariamente por mudanças na cobertura vegetal (o clima não é o único fator de alteração) e mostrou que a coleta de produtos vegetais foi bastante importante para as populações sambaquieiras

A autora contribui, junto com outros arqueólogos em pesquisas realizadas principalmente nesta década, para uma visão bastante diferente das populações sambaquieiras do que se tinha até a década de 80.

De um cenário com bandos nômades, pouco numerosos, consumidores de moluscos, cujos sítios eram formados por resíduos de alimentação, “lixo” depositado aleatoriamente, passou-se para um outro quadro, com populações sedentárias, alimentação variada, mas constituída principalmente pela pesca, coleta de moluscos e vegetais e caça, cujos sítios revelam que “o hábito de acumular restos alimentares e industriais, morar sobre eles e lá mesmo sepultar os mortos é expressão material de um sistema de regras sociais” (Gaspar 1996: 82).

### Referências bibliográficas

- FIGUTI, L.  
1992. *Les sambaquis COSIPA (4200 à 1200 ans BP): étude de la subsistance chez les peuples préhistoriques de pêcheurs-ramasseurs de bivalves de la côte centrale de l'État de São Paulo, Brésil*. Thèse de Doctorat. Muséum National d'Histoire Naturelle, Institut de Paléontologie Humaine. Paris.
- GASPAR, M.D.  
1996. Análise das datações radiocarbônicas dos sítios de pescadores, coletores e caçadores. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, série Ciências da Terra, 8: 81-91.
- SCHEEL, R.; GASPAR, M.D. & YBERT, J.P.  
1996. Antracologia, uma nova fonte de informações para a Arqueologia Brasileira. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 6: 3-9.
- SUGUIO, K.  
1999. *Geologia do Quaternário e Mudanças Ambientais (Passado + Presente = Futuro?)*. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas.
- TENÓRIO, M.C.  
1991. *A importância da coleta no advento da agricultura*. Tese de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ. Rio de Janeiro.